



# O SENHOR DO ANEL

A Casa da Música, no Porto, apresenta as quatro óperas de Wagner que compõem *O Anel do Nibelungo*. São nove horas de espetáculo, numa verdadeira maratona musical e cénica

VISÃO  
sete

CINEMA 13 TEATRO 17 EXPOSIÇÕES 18 MÚSICA 19 RESTAURANTES 20 NOITES 21 CRIANÇAS 22 TELEVISÃO 23

**PORTO E NORTE**

15 DE SETEMBRO DE 2011

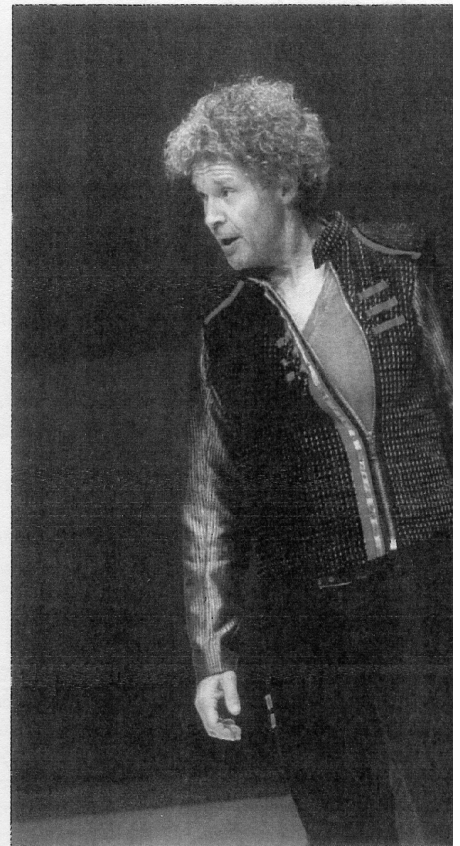
visão  
**sete**

CAPA

# ÓPERA 'INTERMINÁVEL'

Ópera maior na história da música não há. O Remix Ensemble Casa da Música e mais de uma dezena de cantores líricos de renome internacional apresentam *Ring Saga*, uma versão de «apenas» nove horas (a original tem 14) da ópera monumental de Wagner

JOANA FILLOL TEXTO JORGE MIGUEL GONÇALVES/NFACTOS FOTOS



**A**ntónio Jorge Pacheco, o diretor artístico da Casa da Música (CdM), está convencido de que há 70 ou 80 anos que Richard Wagner não vinha ao Porto e de que seguramente há mais de 50 não se apresentava uma tetralogia na cidade. A única tentativa que houve de pôr em cena uma ópera do compositor alemão saiu... frustrada: «Tratava-se de *O Navio Fantasma*, no antigo Rivoli, em meados dos anos 80, mas o maestro desmaiou logo no início», conta em voz baixa, durante os ensaios de *Ring Saga*. Admirador da obra de Wagner, Pacheco recorda-se bem do episódio – estava sentado na plateia e conserva ainda a folha de sala. Agora, que conseguiu realizar um sonho antigo, com esta adaptação de *O Anel do Nibelungo*, acredita que os melómanos e os wagnerianos serão compensados por tamanho jejum. *Ring Saga* é a maior coprodução de sempre da CdM, feita em parceria com o Théâtre & Music Paris, financiada pela Comissão Europeia.

E Richard Wagner? Se o compositor que levou mais de um quarto de século a escrever o ciclo operático estivesse sentado numa das 1 238 cadeiras da Sala Suggia a assistir, gostaria? «No seu tempo, não. Só queria que as



suas óperas fossem apresentadas no Bayreuth Festspielhaus (a casa de ópera que fundou para executar as suas obras)», responde convicto o diretor, antes de acrescentar: «Bem, se conseguisse viver 200 anos talvez mudasse de opinião...»

A versão que se apresenta pela primeira vez em Portugal, uma adaptação dos britânicos Jonathan Dove e Graham Vick, reduz não apenas o número de horas face à obra original (de 14 para nove) mas também de músicos. Quando, em 1874, Wagner terminou por fim *O Anel do Nibelungo* fê-lo a pensar numa orquestra de cerca de cem músicos. A adaptação conta com apenas 18 instrumentistas...

#### DO 'CHOQUE' AO FASCÍNIO

«Muitos wagnerianos, num primeiro momento, vão ficar chocados», imagina Peter Rundel, o maestro titular do Remix Ensemble (RE) que assume a direção musical do espetáculo. Ele próprio ficou – admite – quando teve conhecimento da adaptação: «É impossível, pode não funcionar», temeu. Mas surpreendeu-se. Hoje diz que é uma abordagem muito inovadora da obra-prima, onde «se perdem naturalmente muitas das cores de uma grande orquestra, mas se ganha uma transparência estrutural difícil de conseguir com uma formação sinfónica».

A trabalhar há dez meses no projeto (nos dois últimos de forma intensiva), só consegue explicar a ausência de cansaço com a adição que diz estar a sentir por Wagner: «A música é tão rica, sensual, tem tanta qualidade que é como se estivesse viciado. Entendo perfeitamente o fenómeno de massas que Wagner originou, só comparável ao da música pop nos nossos dias.» António Aguiar, o contrabaixista, também não consegue esconder o entusiasmo: «É uma oportunidade única na vida apresentar as quatro óperas de seguida e para nós que no RE estamos habituados a trabalhar um repertório contemporâneo é voltar atrás no tempo, fazer o melhor que há. Em todos os sentidos, é uma música ao mais alto nível, muito expressiva, ultrarromântica.»

Ninguém esconde a exigência da produção. Mais de metade dos ensaios foi passada a confrontar a adaptação com a versão original. Para passar o ciclo operático todo, do princípio ao fim, foram precisas, de cada vez, mais de 24 horas de ensaios, o equivalente a quatro dias de trabalho. A ópera mais longa que o Remix apresentou até ao momento foi *Das Marchen*, do português Emmanuel Nunes – durava aproximadamente seis horas.

Antoine Gindt, o encenador francês que já trabalhou com o RE noutras ocasiões, e que há



#### CURIOSIDADES

- ▶ O espetáculo está a ser preparado há mais de dez meses, em Portugal e em França
- ▶ A equipa é composta por cerca de 60 elementos
- ▶ É a primeira vez que todos os cantores interpretam os papéis que lhes foram atribuídos
- ▶ Ao contrário da adaptação de Vick e Dove, os intérpretes cantam em alemão e não em inglês
- ▶ Para ensaiar o ciclo operático do princípio ao fim, o Remix Ensemble precisou de mais de 24 horas de cada vez (quatro dias de trabalho)
- ▶ A maquiagem privilegiou os tons fortes para contrastar com o prateado do palco e pequenos toques cor do ouro, que comanda a ação
- ▶ Debaixo do palco, os cantores têm dois pequenos ecrãs, onde podem ver as cenas que se estão a desenrolar e o público
- ▶ Apesar de ser uma formação de música contemporânea, o Remix Ensemble tem representados todos os instrumentos de Orquestra, mas tocados por um só músico
- ▶ O projeto cénico foi pensado de raiz para ser levado a diferentes salas de concerto, monta-se facilmente

meses ensaia em França o espetáculo com os 15 cantores, de oito nacionalidades diferentes, não consegue imaginar o que Wagner pensaria da produção se estivesse sentado na plateia (no Porto ou numa das sete cidades francesas e luxemburguesas onde será apresentada em seguida). Prefere lembrar que *Ring Saga* permite «uma aproximação àquele que era o desejo do compositor: fazer um festival cénico, nós apresentaremos as quatro óperas num só fim de semana». A história épica, inspirada na mitologia germânica e nórdica, onde cabem deuses, ninfas, heróis, dragões, subirá ao palco em quatro momentos distintos ao longo de três dias, de sexta a domingo. «Aqueles que co-

VIDEAO  
**sete**

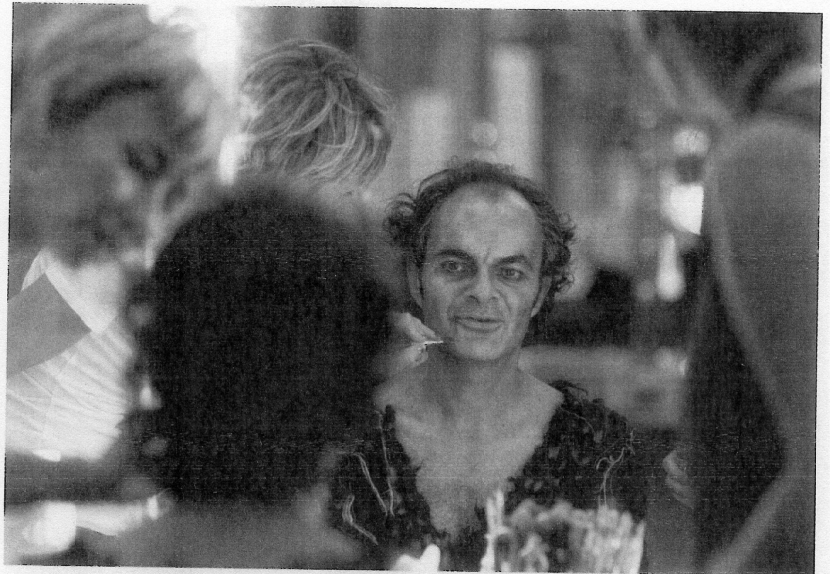
**CAPA**



«Necesitam a obra terão a oportunidade de escutar um novo mundo, com poucos instrumentos. Quem não conhece vai delirar», acredita Gindt. Sublinha que os 15 cantores que dirigiu (mas que, no total, desempenham 27 papéis) começaram por trabalhar o texto original: «É importante para a psicologia das personagens, ajuda a saber como devemos contar a história apesar dos momentos que faltam.» A narrativa, assegura, não sai prejudicada: «É uma história muito coerente.» E atual, pensa. «Como todos os grandes mitos, fala da vida, ajuda a perceber o que não vemos no dia-a-dia, mas que conhecemos – as relações de desejo permanente por aquilo que é proibido, o poder, o amor, a sedução, o erotismo.»

**LUTA PELO PODER**

A história foi trabalhada de forma a tornar simples aquilo que não é. Relações complexas e profundas entre personagens, hierarquias, várias gerações que se misturam, tal como se cruzam seres que habitam debaixo de terra, humanos e figuras mitológicas. O palco, uma estrutura aparentemente simples, onde também é projetado o vídeo, tenta transmitir essa tridimensionalidade da ação: as profundezas da terra, o mundo dos mortais, o céu. Foi concebido como uma caixa, onde se guardam todos os elementos cénicos necessários ao



longo das quatro óperas – fumo, espadas, capas, entre uma infinidade de objetos, onde se conta, claro, o disputado anel.

O francês Lionel Peintre interpreta Alberich, uma personagem central. É o «Nibelungo» que vem das profundezas da terra e, renunciando ao amor, rouba o ouro do Reno, com que mandará forjar um anel mágico, com o poder de dominar o mundo. Diversos seres míticos, incluindo Wotan, o líder dos Deuses, vão lutar pela sua possessão – amaldiçoada, que fará com que todos os que venham a possuir o ouro morram ou desapareçam. À exceção de Alberich...

**'RING SAGA'**

Casa da Música, Av. da Boavista,  
604-610 T. 22 012 0200.  
€35 (1 ópera), €110 (ciclo completo)  
**O Ouro do Reno**  
16 Set, Sex 21h  
**A Valquíria**  
17 Set, Sáb 15h  
**Sigfried**  
17 Set, Sáb 21h  
**O Crepúsculo dos Deuses**  
18 Set, Dom 18h

Lionel fala-nos da obra enquanto Véronique Nguyen, que passou meses a imaginar a maquiagem e o penteado de todas as personagens (em articulação com Fanny Brouste, responsável pelo guarda-roupa), o transfigura na sala de caracterização. «Wagner queria falar da luta entre os poderosos e os fracos. Os deuses seriam as pessoas que dominam o mundo, os fracos, gente subterrânea como eu [Alberich], que ambiciona ter riqueza, adquirir poder.»

Para Lionel – como parece ser para todos, aliás – fazer *O Anel do Nibelungo* é um sonho, algo mitológico. «Como o ouro para Alberich», compara. Também ele vê vantagens na redução do número de instrumentistas: «Dá a possibilidade de ser mais subtil na musicalidade. Com uma orquestra temos de cantar muito alto, aqui permite-nos modelar a voz, fazer nuances importantes. E o ritmo é mais acelerado, o que também é bom.» Tal como já havia feito António Aguiar, o contrabaixista, deixa um conselho a quem for assistir: «É importante não estar sempre a comparar. Há momentos em que escutamos Wagner como se fosse original; há momentos em que as sonoridades são outras. É, acima de tudo, um outro objeto.»